**PODE UM CORPO BORDADOR? EXPERIÊNCIAS DE ARPILLARIA COM MULHERES DO LITORAL NORTE CAPIXABA ATINGIDAS PELO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO- MG**

Ester Marim Avancini (UFES – Universidade Federal do Espírito Santo)

Marcia Roxana Cuevas (UFES – Universidade Federal do Espírito Santo)

Esta pesquisa é um convite. É uma abertura às terras cheias d’água no Norte do Estado do Espírito Santo. Água salgada, água do mangue e água doce, nas quais os pescadores lançam redes e as mulheres catam camarão e caranguejo uçá. É um convite à estrada de chão repleta de um universo de plantas e árvores, ao trajeto de horas que separa cada uma das comunidades de pescadoras e pescadores da denominada Macrorregião Litoral Norte – região essa composta por comunidades pertencentes aos municípios de São Mateus e Conceição da Barra. A pesquisa é um respeitoso convide, em especial, para atracar, tomar um café e costurar nas comunidades de Barra Seca (São Mateus- ES), Barra Nova Sul (São Mateus – ES) e Bairro Santo Amaro (Conceição da Barra-ES).

É um convite também às costas lamacentas dos rios, às espumas bolorentas do mar, ao cheiro de peixe que, por vezes, se decompõe antes de sair do barco. “Não era assim antes. É a lama, o rejeito que tomou tudo” (Diário rememorado, maio de 2022). Cecília abre as portas de sua casa e me convida a tomar um café, está com a camisa do Movimento dos Atingidos e Atingidas por Barragens (MAB). É mulher atingida pelos rastros de destruição causados pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana (2015), pela massa dismórfica marrom-alaranjada que, aos poucos, tomou também o Litoral Norte e modificou profundamente os modos de vida das populações ribeirinhas. Cecília é mulher, mãe e pescadora.

O rompimento da Barragem de rejeitos de Fundão, localizada no Município de Mariana/MG, segundo o relatório publicado pela Ramboll (2015), liberou uma massa de aproximadamente 48,3 milhões de metros cúbicos de lama que estava acumulada na barragem, provocando uma onda de devastação ao longo de toda a bacia do Rio Doce, chegando até o Oceano Atlântico, a uma distância de 650 km do local do desastre. Esse acontecimento marcou o ano de 2015 pelo maior desastre socioambiental do país. Após a lama de rejeito alcançar o leito do Rio Doce, em 21/11/2015, chegou à Foz no distrito de Regência – Linhares, deixando ao longo dos 650 km, um rastro de devastação ambiental e social. A lama de rejeitos foi avançando do litoral para as praias capixabas em direção ao Norte do Espírito Santo, afirmando-se enquanto “desastre invisível” pelas instituições de justiça e por parte da população atingida.

As Marias, Cecílias, Veras e Vandas desta pesquisa são nomes inventados, não fictícios, pois trata-se de agenciamentos coletivos de enunciação (FRANCISCO; TAVARES, 2018). Não se trata nunca de uma narrativa individual, pois toda enunciação é sempre tecida com o outro, é plural; cada nome inventado atravessa pessoas encarnadas, vidas singulares e austeras.

Não icemos o barco agora! É prudente, como percebem, que apresentemos antes as alamedas do percurso. A aposta que se faz é nas políticas metodológicas do pesquisarCOM. Pesquisar com o outro implica tomá-lo não como “alvo” de nossas intervenções e ressalta o caráter ativo e engajado na pesquisa, convoca-nos a problematizar algumas práticas no campo da ciência.   As outras que interrogamos são *experts*, podem fazer existir outras coisas; no caso, outros modos, e isso confere uma sintonia na ação de pesquisar por meio da distribuição de saberes e poderes no processo de construção de conhecimento. (MORAES, 2010).

Olhar a feitura da escrita e da leitura como atos políticos de construção de texto denota uma posição que se toma quando, em relação ao mundo e a si mesmo, define-se uma certa forma de expressar aquilo que se passa, os acontecimentos que nos atravessam, compõem a vida e inserem-se na pesquisa. Desse modo, “o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 151). Existe um arrojo eminentemente coletivo que nos faz utilizar a língua e a escrita como denúncia, como “arma de guerra”; como potencialidade de algo que está por vias de ser.

Portanto, a escrita performada se ampara em uma política de narratividade que procura enfatizar os muitos tracejos das mulheres atingidas pescadoras, catadoras de camarão, fazedoras de rede e de Arpillera. A Arpillera, por sua vez, é uma técnica de bordado chilena, que utiliza retalhos de tecidos, roupas, sacos de farinha e batata, em uma mistura de técnicas de tecelagem, tais quais o bordado, crochê, a costura e, mesmo, a colagem de tecidos; em um bordado que junta retalhos e fios, existe uma estreita relação entre as mãos de quem borda, sua história e o próprio tecido. Após o golpe militar no Chile (1973- 1990), muitos homens estavam desempregados ou presos em razão da filiação política. Diante disso, as mulheres ficaram responsáveis pelo sustento da família, e passaram a se reunir para bordar a situação dos presos políticos, da miséria e vulnerabilidade (ROSSATO; CORBO; NESPOLI, 2020).

A história dessa pesquisadora se enlaça com a história das mulheres atingidas por barragens apenas em 2022. Em abril desse mesmo ano, fui aprovada em um processo seletivo de atuação e formação em Educação Popular em Saúde, promovido pelo Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde (ICEPi). Dentre os objetivos, estava o de promover a formação em Educação Popular em Saúde de militantes e lideranças de movimentos sociais e trabalhadoras/es dos serviços públicos da saúde das regiões para o fortalecimento do SUS no ES, garantindo a implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde – PNEPS/SUS, com seus princípios teóricos, práticos e metodológicos, os quais previam a construção coletiva do conhecimento para atuação nos diversos territórios e serviços de saúde no ES.

 Elenca-se que a partir desse projeto foi possível conhecer e acessar as mulheres atingidas por barragens, realizando um convite ao diálogo - uma vez que parte de sua proposta estava, também, em visibilizar a vivência das comunidades atingidas pelo desastre ambiental no Estado. Nos encontros com as mulheres em roda, porém, percebeu-se coletivamente que havia a necessidade de promover espaços para diálogos outros; surgiam histórias que denunciavam o cansaço físico e mental, a violência doméstica e patrimonial e o desejo de construírem outros espaços para estarem juntas. As mulheres atingidas sugeriam também o bordado como possibilidade de atividade ao grupo, uma vez que a técnica da Arpillaria era conhecida pelas mulheres atingidas organizadas no Movimento das Atingidas por Barragens (MAB).

O movimento das Arpilleiristas chilenas inspirou o coletivo de mulheres do MAB a iniciarem um processo de documentação têxtil das violações dos direitos humanos nos locais onde as barragens estão sendo ou já foram construídas, bem como onde a barragem é apenas um projeto (ROSSATO; CORBO; NESPOLI, 2020; LIMA, 2018). No MAB, as Arpilleras são criadas durante oficinas coletivas nas quais são discutidas questões de gênero, socioambientais e políticas vivenciadas pelas mulheres. Rossato, Corbo e Nespoli (2020) assinalam, a partir de documento extraído no site do movimento, que “o grande objetivo da produção nacional (nos estados onde o MAB é organizado) é denunciar a situação das mulheres atingidas (ROSSATO; CORBO; NESPOLI, 2020, p. 50).  No Espírito Santo, o MAB consolida-se no território a partir das violações de direitos constatados ao longo de toda a Bacia do Rio Doce e Litoral Adjacente. Entre essas, cabe destacar o não reconhecimento das mulheres atingidas enquanto atingidas e, portanto, pertencentes ao processo de reparação.

Foi a partir dessas disponibilidades e acoplamentos que o objetivo de pesquisa foi cerzido: conhecer os modos a partir dos quais as mulheres atingidas tecem confiança entre elas, constituindo uma rede de cuidado e um novo território após o rompimento da barragem. A tentativa é de acompanhar o que se passa na tecedura das Arpilleras e como as comunidades atingidas do Litoral Norte, por meio das mulheres, que reinventam seus modos de viver em seus territórios com o rompimento da barragem de Fundão- MG, em Mariana.

Nas rodas de conversa propiciadas pelo Projeto, as mulheres traziam os elementos através dos quais pretendiam inventar espaços para estarem juntas. O bordar aparecia como palavra enunciada. Urge salientar que as mulheres do litoral norte das quais se escreve se reconhecem como mulheres atingidas por barragens e já tiveram contato anterior com a Arpillaria em exposições em espaços promovidos pelo MAB. Portanto, para a feitura das oficinas, opera-se pelo convite: convidando as mulheres atingidas dos grupos acessados a partir do Projeto de Educação Popular do Estado do Espírito Santo a comporem os espaços de produção de Arpillaria. As temáticas dos encontros são definidas coletivamente, mediante o que aparece no cotidiano das mulheres atingidas. A pesquisa, portanto, conta com um prolongamento do que foi experienciado até então, abrindo passagem para o que está por vir a partir das próprias oficinas

 Os encontros com as mulheres apontam pistas que de que as experiências das Arpilleras são uma das manifestações do que é estar junto, numa dimensão micropolítica. Afinal, “como poderia o olhar masculino e patriarcal da repressão acreditar que uma atividade tradicionalmente utilizada para manter as mulheres limitadas ao espaço privado pudesse ser a expressão da subversão dessa mesma ordem?” (PAVÃO, 2022, p. 57).

Violeta Parra (1917 – 1967), importante folclorista e arpillarista chilena, também nos dá algumas pistas para pensar a Arpillaria como um dispositivo experimental de invenção. Em trecho do documentário “Violeta Parra, bordadeira Chilena”, disposta no artigo “Violeta Parra e suas arpilleras decoloniais”, narra para Madeleine Brumagne sobre suas “primeiras arpilleras, o autodidatismo, sua imaginação transbordante, a dimensão lúdica de seu fazer artístico; enfim, seu processo criativo” (FRESQUET; JUNIOR, 2021, p. 459). Todavia, destaca-se que o processo que Violeta nos dá pistas não é sobre a criatividade e, sim, sobre a invenção. Destaca-se em trecho de entrevista concedida:

M - Então, você sabia bordar?

VP - Não. Eu não sei nada. O ponto que utilizo é o mais simples do mundo. E eu não sei desenhar.

M - Ou seja, você inventou tudo.

VP - Sim, mas todo mundo pode inventar, não é uma especialidade minha (FRESQUET; JUNIOR, 2021, p. 459).

A invenção é um conceito-ferramenta que nos ajuda a analisar e acompanhar os bordados da arpillaria pela via da afirmação da produção de mundos, de subjetividade e de estórias. Produzir estórias através do têxtil implica entrelaçar outros modos de viver e de produzir conhecimento, assim como de transmiti-lo. Se o corpo do tecido é vivo, a memória é também um fio que se transforma a partir do contato com o corpo de quem o tece. Ambos, matéria têxtil e corpo, parecem possuir uma relação inseparável que atravessa múltiplos sentidos, tais como proteção, cobertura, expressão, censura e ocultamento – são sentidos que aparecem na linguagem e, antes dela, atravessam a sensibilidade das mãos.  Há a semelhança semântica entre os termos – tecido pode significar tanto a trama feita a partir de fibras têxteis, quanto às inúmeras peles que revestem nossa organização fisiológica. O tecido também pode ser entendido como uma materialidade passível de produzir um novo corpo – pensa-se nas modelações realizadas com bonecos de pano ou com figuras que se assemelham a uma construção corpórea com figuras e referências não humanas. Ao observarmos as produções da América Latina, cujas produções se relacionam ao universo têxtil, notamos um recorrente entrelaçamento das práticas do bordado, da costura ou da tecelagem à temática do corpo. Isso se dá por dinâmicas culturais que compreendem o próprio tecido enquanto um corpo (OLIVEIRA, 2022).

Nota-se com as estórias das mulheres atingidas que, frente às décadas de violações, as comunidades do litoral norte articularam-se na produção de identidades que os estabeleciam como os “donos no lugar” (FERREIRA, 2020); mas não só, diante da compreensão de serem donos da terra, os danos às terras e as águas ganharam dimensões mais austeras.   Uma vez que as paisagens do Norte do Estado do Espírito Santo contam estórias de um desastre “invisível”, quem nos ajuda a ler os intercursos são os atingidos e atingidas. Percebe-se com os diálogos, especialmente com as mulheres atingidas, que o manejo das águas do rio, mar e mangue é fruto de uma duradoura conexão entre aqueles que habitam o lugar e o lugar habitado.

É nesse contexto de abertura ao território e de inserção na vida das mulheres atingidas por barragens do litoral norte que nos assentamos, ao menos por enquanto. Armando as agulhas para tecer as linhas no cerzir dos tecidos, apostamos na feitura da Arpillera como dispositivo de produção de mundos. Urge a questão que nos norteará durante o trajeto: pode um corpo bordador?

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FRANCISCO, Rayanne Suim; TAVARES, Gilead Marchezi. Juventude e risco: abrindo a sede ao meio no deserto das práticas de assistência social. **Paco Editorial**, 2018.

FRESQUET, A.; CARDOSO JUNIOR, W. Violeta Parra e suas arpilleras decoloniais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, *[S. l.]*, v. 6, n. 18, p. 449–469, 2021. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2021.v6.n18.p449-469. Disponível em: https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/12703. Acesso em: 31 may. 2024.

LIMA, M. S. P. **Arpilleras: o bordado como performance cultural chilena, em favor do drama social. 2018. 134 f. Dissertação** (Mestrado em Performance Cultural) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8440>

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Ramboll: relatórios de monitoramento mensal. Ministério Público Federal, 2015. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/atuacao-do-mpf/pareceres-e-relatorios/ramboll>

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, M. e Kastrup, V. Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: **Nau Editora**, 2010

OLIVEIRA REZENDE, NATÁLIA. Tramas contemporâneas na América Latina. 1ª Ed.
Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade.Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, v. 1, 2009.

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó. **Pedagogias sensientes da memória: caminhos possíveis a partir do encontro com as arpilleras chilenas.** Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45920?mode=full>

ROSSATO, Alexania: CORBO, Anamaria D'Andrea; NESPOLI, Grasiele (Org.). Educação popular, direitos e participação social: bordando a saúde das mulheres atingidas por barragens. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/45730>